

# Medo

Reinaldo Fleuri

*Por que pessoas ou grupos populares reagem, às vezes, com desconfiança e medo em relação aos que se dispõem a desenvolver com eles um trabalho de conscientização? Como promover o diálogo com pessoas ou grupos que têm medo de se expor? Este foi um dos problemas levantados no ciclo de estudos sobre educação popular, dia 29 de setembro.*

*Em grande parte este medo é explicável pela nossa experiência de vinte anos de repressão sob regime militar. Toda uma geração cresceu nesse clima de medo e de forte doutrinação ideológica, que tenta justificar o sistema imposto e segrega como "subversivo" todo aquele que faça qualquer menção de discordância. A mobilização popular forçou o regime autoritário a conceder uma certa abertura. Mas muita gente não acredita e, na crise atual, chega a temer uma nova "fechadura".*

*Por isso, é preciso respeitar esse medo que as pessoas têm de, logo de cara, se expor a um diálogo franco. É preciso compreender as razões deste silêncio. E, em certas situações, o silêncio é a única forma de resistência, o recuo é a única forma de luta possível. Um líder do movimento dos favelados disse que uma vez teve uma audiência com uma autoridade. Ao final de uma longa conversa em que tentou dissuadir os moradores de certas atividades, o prefeito conclui: "Sabe que tenho autoridade para mandar prendê-lo? Duvida?". "Não duvido, não, seu doutor!" - respondeu o favelado, intimidado. Frente à arrogância de quem detinha poder, as possibilidades de diálogo tinham se esgotado.*

*Mas não são apenas atitudes como estas que intimidam o povo. Atitudes sectárias de pessoas que - movidas, às vezes, pela maior boa vontade - geram e reforçam a desconfiança. Um alfabetizador conta que num bairro de periferia, de início, as pessoas demonstravam muitas reservas em relação a ele. Após alguns meses de convivência, num esforço de ser receptivo e de compreender as pessoas, alguém lhe disse: "É, seu grupo parece legal! Mas antes de vocês, tinha outros que só queriam que a gente entrasse para o partido deles".*

*É claro! Se alguém chega num bairro, ou numa associação fazendo um discurso exaltado, que não tem nada a ver com a situação histórica daquele povo, com certeza só vai reforçar o medo e o silêncio.*

*O silêncio - diz Paulo Freire - só rompe falando. E se fala autenticamente agindo! O discurso não vem antes da prática. É preciso partir das necessidades mais urgentes do povo e, junto com ele, buscar caminhos para superar os problemas. Se numa determinada comunidade a necessidade prioritária é a instalação do serviço de água, a educação popular passa pelo processo de reivindicação da água. Porque, quando a comunidade, em certos momentos, pára e avalia seu trabalho de mobilização, então aprende a se organizar politicamente. E este aprendizado servirá de base para novas reivindicações, após ter conseguido água. A água é um objeto de uso. A reivindicação da água é um processo político.*

*Nesse processo político o papel da liderança é importante, porque ajuda a catalizar o saber e as iniciativas populares na organização de sua luta e na consecução de seus objetivos. Mas a liderança é autêntica quando está com a comunidade e não sobre ela. Por isso, quando a liderança surge fora da comunidade, ela só se autentica quando supera seus limites iniciais ou se dispõe a ceder lugar para as lideranças que surgem da própria comunidade.*

*Não se trata, portanto, de alguém de fora querer dirigir uma comunidade, ou levar-lhe um conhecimento pronto. Trata-se, antes de tudo, de reconhecer que o povo tem um saber próprio - mesmo que não absoluto - e se dispôr a aprender com ele. Só assim se pode dar uma contribuição válida para os grupos populares explicitarem e sistematizarem seu saber durante seu processo de mobilização.*